

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 5

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Anuncios, cada linha, 25 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 RÉIS

1.º ANNO

DREYFUS

Tem mil e nove centos annos, o vil, o infamissimo assassino de Dreyfus, e tem, ainda, garras para rasgar, dentes para morder, peçonha para inocular.

Como é lenta a evolução dos séres! Como o homem, que é bicharoco no ventre da mãe, continúa a ser, afinal, bicharoco até ao fim!

Tem mil e nove centos annos, o assassino, e vejo-o sempre o mesmo, olhando para traz. Vejo-o, logo ao nascer, em combate com a razão e abafando o movimento de regeneração social iniciado pela philosophia pagã. A philosophia pagã affirmava a experiencia, a observação, a razão humana como fonte de toda a sciencia; o christianismo impõe desde logo que a origem da sciencia esteja nas escripturas e na tradição da Igreja. O paganismo guia-se pela razão, e pelo saber dos seus philosophos; o christianismo inspira-se só na revelação. O paganismo começava a prégar o direito que todos os homens tem á vida, quando o christianismo surgiu a prégar a resignação, dando a ceia do paraíso, o reino dos céos, como unica compensação das misérias, das injustiças, dos crimes, dos soffrimentos do mundo. A historia, tantos seculos escripta pelos clericos, apontou sempre o christianismo como um movimento de reabilitação e de progresso, e a ignorancia, que é grande, accitou a indicação e ainda hoje a conserva e proclama como uma verdade. Não obstante, o christianismo não foi um movimento de progresso, mas um movimento de recuo sobre a philosophia pagã. Isto é que é verdadeiro e não são precisas grandes lucubrações para se chegar a tal conclusão; basta meditar; basta ler e saber ler com attenção.

Vejo-o arvorando a intolerancia em systema e mantendo-a,

em favor do erro e dos interesses, atravez de todos os tempos, essa intolerancia que começou na guerra aos philosophos, aos museus e ás bibliothecas da antiguidade, que se prolongou na guerra de extermínio á civilização arabe, que se manteve inalteravel nos conflictos sobre a natureza da alma e do mundo, sobre a idade da terra, sobre as leis de gravitação universal e que, tendo chegado aos furores perversos da inquisição, ainda agora, ao findar do seculo dezenove, demonstra as mesmas tendencias, os mesmos requintes de malvadez, a mesma pertinacia em defender o erro, em perseguir a justiça, em odiar a liberdade na questão Dreyfus, que não é outra coisa senão uma das variadas e multiplicas manifestações d'esse espirito catholico que vem perturbando a humanidade, e enchendo o mundo de iniquidades, ha mil e nove centos annos.

Vejo-o sempre com os mesmos processos de deslealdade, de falsidade, de mentira, de corrupção, de sordida avareza, elle, que ousa falar em avarentos e judeus. Proclamando que a ignorancia é a mãe da piedade vem mantendo este principio com a teimosia que manifesta em tudo, vem-o sustentando desde as trévas da idade média, em que não tinha para oppôr ás porcarias de toda a ordem, aos piolhos, á lepra, á syphilis, aos vermes imundos, ás doenças horrosas que comiam e roíam a humanidade, senão vergonhosas e falsas reliquias, como as garrafas do leite da Virgem Maria vendidas pelos templários aos guerreiros das cruzadas, como a corôa de espinhos do Salvador, que existia ao mesmo tempo em dezenas de abbdias, como a lança que tinha atravessado Jesus Christo, que tendo sido uma só apparecia em numero de onze distribuidas por varios templos de varias regiões da christandade, como, suprema impostura! um dedo do Espirito Santo que existia n'um convento

de Jerusalem; desde as trévas da idade média, em que não tinha para as afflicções da humanidade, provocadas pela sua formidavel estupidez, senão vergonhosas e falsas reliquias e vergonhosissimos milagres, até aos nossos dias, em que continúa a propaganda da ignorancia, e do descredito da sciencia, com agua de Lourdes, bentinhos, indulgencias, preces, confissões, absolvições, etc, lançando o povo n'esse fatalismo que se resume no *que Deus quizer* e as classes d'élite n'essa desmoralização que tem como indispensavel nota de bom tom expedir telegrammas a toda a hora para Roma, não já e só a pedir a benção de sua Santidade para os actos solemnes da vida, como, tambem, auctorização para todas as caganificancias, as mais disparatadas e ridiculas, comer carne em dia de corno sagrado ou piolhoso santo, por exemplo.

Sempre o proposito de embrutecer o cerebro humano!

Não se illuda ninguem: a questão Dreyfus é uma questão clerical e n'ella revivem todas as artimanhas, todas as falsidades, todas as intolerancias, todas as atrocidades de centos d'annos de catholicismo. Não é só a espada aliada, como sempre, da cruz; não é só o official do exercito francez discipulo do jesuita, em cujas casas de educação aprendeu, como se tem averiguado; é a intervenção apaixonada e directa do clero francez, que fez d'aquella questão uma questão sua. Não o inventamos; isto é verdade; isto está provado.

Foi por meio de fraudes e falsificações, de documentos apocryphos, as falsas decretaes de Isidoro, que, no dizer de Draper, o poder pontifical se consolidou, convertendo o systema de governo da Igreja de monarchico em republicano. E' por meio de fraudes e falsificações, de documentos apocryphos, que o clericalismo, tenta agora, não esmagar um judeu, não sacrificar um innocente

pelo mero prazer de o sacrificar, mas mudar, n'um grande paiz, a fórma de governo que constitue uma ameaça ao seu predomínio e aos seus interesses.

A Roma ligeira e devassa, onde o syphilitico Leão X gastou, como elles diziam, os catholicos, as rendas de tres papas; a Roma de corrupções e simonias, que poz em leilão indulgencias, absolvições, beneficios, que inventou o purgatorio para fazer d'elle o seu eldorado, mas um eldorado real e não imaginario; a Roma venal que poz, tudo a preço, desde a consciencia até á tiara, não se ariscava a erguer animadversões, a accordar o leão popular adormecido por simples rancor a um judeu. Não. Nem nos tempos da inquisição foi o judeu por si, mas pelos seus bens cubiçados e, em parte, pela inveja da sua influencia, como o provam Herculano e outros, que moveu as perseguições atrozes de Roma. Não. Não foi a pessoa do pobre Dreyfus, nem o elemento semita a que elle pertence. Foi o velho rancor á liberdade; foi o odio contumaz á democracia; foi o desejo persistente de predominar que alentou e conduziu a reacção, a reacção que avançou, a reacção que procedeu esmagando a innocencia, cuspidando a justiça, insultando a consciencia, sem olhar aos meios como sempre. Militares, padres e reis! Lá estão elles ligados, em pacto intimo, em accordo apertado e estreito. Foram elles que, desde os mais remotos tempos, inventaram o dogma; foram elles que, desde os primeiros despotismos no mundo, crearam a razão do estado. E agarrados ao dogma e á razão do estado tripudiam, pela millessima vez, sobre a innocencia e a verdade.

Ah! mas não sabemos a quem mais odiar, se a essas aves nocturnas se aos que, dizendo-se depositarios da democracia, a deixaram arrastar até á beira do abysmo. Miseraveis! Como elles se deixaram enloisar pelo vicio! Como elles se envaideceram com

as pançadinhas da fina flor da prostituição dos saldes!

O sr. Faure, o filho do cortidor de sola, babado pelos ollares escarninhos das prostitutas da aristocracia e lisongeador pelas boas maneiras dos vadios dos clubs fidalgos. O sr. Faure envaidecido, sem vér quantos dedens pela sua origem plebeia, quantos sarcasmos á sua ascendencia de fabricantes de coiros, se occultavam atraz da transigencia momentanea com que o *alto mundo* o tolerava! O velho baboso! O carola imbecil, que atraíçava a democracia em troca da *agua benta* do bom tom!

Os srs. ministros, torpes uns, asnos outros, traidores consciences e inconscientes da causa popular, Gomes da Silva de maior estatura, de maior estatura mesmo os imbecis, que, por torpeza e imbecilidade, entregam a democracia manietada ao punhal dos salteadores.

Ah! miseraveis!

Como a França deshonrada, como a republica envilecida, estão reclamando por um dia, ao menos, a vindicta, a grande e gloriosa vindicta do povo!

Ella virá, estejam certos.

Ha de vir, porque, tarde ou cedo, nunca faltou.

Ha de vir e Dens a traga quanto antes.

Que pandegos!

Um ratãozinho qualquer, que se farta de escrever na *Patria* boboseiras sobre o *grande exercito* portuguez, tem esta referencia maravilhosa ao maravilhoso *Festas*:

«Erguido em 1893 (o exercito) do lamental torpôr em que o encontrava um *homem de energia e talento*...»

E que tal, a *Patria* a elogiar o *Festas*?

Será o ratãozinho da maçonica?

(5) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO III

rude do periodo saxão, ao qual Cedric se prezava de ser fiel. O pavimento era composto de uma mistura de terra e cal, bem batida e dura, como a que se emprega nas nossas granjas modernas. N'um quarto de extensão esse pavimento fazia um degrau sobre o resto, e esse espaço, que se denominava o *daiz* (solio), era reservado para os principaes membros da familia e para os visitantes de distincção.

Para esse effeito, sobre essa plataforma estava collocada transversalmente uma meza ricamente coberta de um panno escarlata, ao meio da qual se unia outra meza mais comprida e mais baixa, na qual comiam os criados e pessoas de classe inferior, e que se estendia até ao fundo da sala. As duas mezas assim ligadas tinham a fórma da letra T, ou de algumas das antigas mezas de jantar que, dispostas da mesma maneira, podem ser vistas nos antigos collegios de Oxford ou Cambridge. Sobre a plataforma estavam collocadas cadeiras e poltronas massiças, de carvalho esculpido; e por cima d'esses assentos e da meza mais alta havia um docel de panno, que protegia até um certo ponto os convivas sentados n'esse logar privilegiado contra as intemperies e especialmente

contra a chuva que n'alguns pontos abria caminho através do tecto mal construido.

As paredes d'esta parte superior da sala, em toda a extensão da plataforma, eram revestidas de tapeçarias ou cortinas e sobre o chão havia uma alcatifa, uma e outras adornadas com bordados rudimentares, de cores brilhantes. Por cima da parte baixa da sala o tecto, como dissemos, não tinha docel; as paredes, grosseiramente rebocadas, estavam a descoberto; e o solo, desigual, não tinha alcatifa; a meza não estava coberta de panno algum, e as cadeiras eram substituidas por bancos massiços e toscos.

Ao centro da meza superior estavam collocadas duas poltronas mais elevadas que as restantes, para os chefes da familia que presidiam ao banquete hospitaleiro.

d'onde lhes provinha o titulo de honra, entre os saxões, de *repartidores de pão*. A cada uma d'essas poltronas estava junto um estrado artisticamente esculpido e incrustado de marfim, o que era um signal de distincção muito especial. Uma d'ellas estava n'essa occasião occupada por Cedric o Saxão, que, a despeito da sua qualidade de *thane*, ou de *franklin*, como diziam os normandos, sentia com a demora da ceia uma impaciencia tão nervosa como poderia sentir a um *alderman* dos tempos antigos ou modernos.

Via-se claramente pelo aspecto do dono da casa que era um homem franco, mas de um caracter arrebatado e colerico. A sua estatura não passava da mediana; mas a largura dos hombros, o comprimento dos braços e a robustez dos

membros indicavam que elle estava acostumado a supportar as fadigas da guerra ou da caça; o seu rosto era largo, com grandes olhos azues, physionomia aberta e franca, dentes magnificos, emfim, uma cabeça bem formada, respirando toda ella essa especie de bom humor que acompanha muitas vezes os temperamentos bruscos e vivos. Os seus olhos exprimiam o orgulho e a desconfiança, porque passara a sua vida a reivindicar direitos constantemente usurpados; e o seu animo prompto, altivo e resolute, estava sempre alerta em virtude das circunstancias da sua situação. Os seus compridos cabellos louros, apartados ao meio, caíam-lhe dos dois lados sobre os hombros, e mal começavam a b anquejar, apesar de Cedric se approximar dos seus olhos.

O CORDÃO SANITARIO

Foi modificado o cordão sanitario, no sentido em que o defendemos aqui no domingo passado. Diziamos nós que se a população do Porto fosse bastante civilisada para não sair nem mandar nada para fóra sem se submeterem coisas e pessoas á desinfectão e observação, não seria preciso cordão nenhum. Mas que não havendo habitos nem educação hygienica no nosso povo, o cordão era indispensavel para obrigar os habitantes do Porto a passar pelos pontos de desinfectão.

Era esta a doutrina sensata e está que o governo acaba de applicar.

Dizem, porém, os defensores do cordão que se é possível hoje dar esse caracter ao cordão sanitario, não era possível fazel-o ao principio, por não estar ainda montado o serviço medico.

Tambem tem razão. Mas não tem menos razão aquelles que accusam o governo de não ter sido coherente, visto ter levado quinze dias a estabelecer o cordão, depois de o ter annunciado ao mundo e dando assim livre sabida a tudo quanto quiz sair.

O que tem graça é a rigorosa sciencia, os rigorosos principios scientificos que invocam todos os dias os que falam e escrevem sobre cordões sanitarios. Na verdade, muita sciencia é precisa para se averiguar se os cordões sanitarios são uteis ou inuteis! Muita sciencia! É um cordão de clinica, de phisica, de biologia, do diabo! Não bastam para aquillo as lições da experiencia, acompanhadas de um bocadinho de raciocinio. É preciso mergulhar no poço da sciencia e andar por lá nas lucubrações dos grandes genios.

Fortes parlapatões.

Tambem se averiguou mais uma vez, com este cordão sanitario, quanto vale e pesa o geral da imprensa jornalística portugueza. Só um jornal se aguentou com a mesma opinião desde o principio: as *Novidades*. Os outros, excepto os do Porto, é claro, ou calaram-se quando se annunciou a resolução do cordão, ou defenderam-n'a para a virem a condemnar.

Que torpes bandalhos! E são assim em tudo. Como o Porto gritou e barafustou, como o Porto pesa, uns para não perderem as assignaturas do Porto, outros pela covardia d'ir sempre atraz dos mais fortes, outros para não estarem de mal com os tripeiros por qualquer motivo, pozeram-se

nhar. Acrescenta-se a isso que Cedric não tinha comido nada desde o meio e que a hora ordinaria da sua ceia já tinha passado ha muito tempo, causa de irritação muito ordinaria nos grandes proprietarios rurais tanto dos tempos antigos como dos modernos. O seu descontentamento patenteava-se por phrases intermitentes, que ora pronunciava a meia voz para consigo mesmo, ora dirigia aos servos que o rodeavam, e particularmente ao seu copeiro, que de tempos a tempos lhe apresentava, á maneira de calmante, uma taça de prata cheia de vinho.

— Porque não vem lady Rowena?

— Só lhe falta mudar de soncudo, respondeu uma aia, tão senhora de si como uma criada de quarto de nosso tempo respondendo a

todos, não só a favor do Porto, como ferozmente, no geral, contra as *Novidades*.

Já com o 31 de Janeiro foi assim.

Pois nós diremos hoje o que dissemos n'essa epocha. Por mais antipathias pessoas que nos movam contra as *Novidades*, é, no fundo, mais nobre a attitude franca e declarada d'este jornal, por peiores que sejam os principios e doutrinas que elle defenda, que a attitude covarde de todos os outros.

As *Novidades* movem-se, n'esta ou n'outra questão, por interesses illicitos? Não sabemos. Mas os outros? Quem defende em Portugal idéas ou principios por defender idéas ou principios?

A differença é só esta: é que as *Novidades*, por interesse ou não, por interesses licitos ou illicitos, vão para um lado, lá ficam e lá se batem. E os outros vão hoje por interesses ou sem interesses para um lado e vão no dia seguinte por interesses ou sem interesses para o outro. São uns imbecis ou uns miseraveis covardes.

Aqui é que o Navarro tinha razão para lhes dizer:

Arre, malandros!

Partiu para Brunhido. Agueda, com sua familia, o nosso amigo José Casimiro da Silva, demorando se até ao fim do mez.

— Tambem partiu para o Bussaco o sr. dr. Joaquim Manuel Ruella.

Pharol da Barra

A camara d'Ilhavo está mangando com as familias a banhos n'esta praia. Espetou uns paus nas ruas, no principio d'este mez, paus que pareciam destinados a candieiros, mas a respeito de candieiros e de luz, tres vezes nove...

Que pouca vergonha!

Isto é, talvez a camara d'Ilhavo tenha razão. Metter a Barra no concelho d'Ilhavo é uma coisa tão forçada, tão fóra do natural, que nem Ilhavo se pôde convencer de que aquillo pertence ao seu concelho.

Mas o sr. Castro Mattoso não quer que deixe de pertencer e sua excellencia é que manda.

Pois olhe que n'isto manda mal. A verdadinha acima de tudo.

Mordido por um cavallo

Foi mordido, na terça-feira, por um cavallo endiabrado, um cocheiro do hotel Central, ficando o desgraçado n'um estado lastimavel. Já não é a primeira vez que isto succede.

Animaes d'esta raça partem-se-lhes os dentes.

seu amo. Queréis que ella viesse para a mesa de coifa e saioite? Não ha em todo o condado senhora alguma que se vista mais depressa que a minha ama.

A este argumento irrespondivel o saxão respondeu com um aquiescente: «Hum!» e acrescentou:

— Eu desejo que a sua devoção lhe faça esperar melhor tempo a primeira vez que voltar á igreja de S. João. Mas, com mil diabos! continuou elle voltando-se para o seu copeiro e levantando a voz, como se fosse para elle uma felicidade ter achado um meio de descarregar a sua colera sem receio nem censura,—com mil diabos, o que é que ratem Gurth lá fóra até tão tarde? Estou a ver que elle vai dar má conta do seu rebanho. Contudo é um escravo fiel e prudente, e eu destinava-o a emprego um

A ULTIMA INFAMIA

A questão Dreyfus

Documento Imperial

O *Moniteur*, do Imperio Allemão publicou uma declaração, que em certo modo é uma resposta a um telegramma do dr. Labori ao imperador Guilherme.

Diz a nota: «Estamos auctorizados para renovar as declarações já feitas em tudo que diz respeito ao accusado Dreyfus, sem sair da reserva que ordena a lealdade em um assumpto interno de uma potencia estrangeira, que, a fim de guardar a sua propria dignidade, fez quanto devia em deveres de humanidade e justiça.

O principe Munster entregou por ordem do imperador, em dezembro ultimo ao ministro das relações exteriores da França, mr. Hannotaux, para que este fizesse chegar ao seu governo, as declarações terminantes de que na embaixada allemã nunca houve relações directas ou indirectas com o capitão Dreyfus.

O nosso ministro dos negocios estrangeiros conde Bulow fez em 24 de janeiro de 1898, perante a commissão do *Reichstag*, a seguinte declaração: «Declaro da maneira mais positiva, que com o ex-capitão Dreyfus, actualmente detido na ilha do Diabo, jamais houve relações de qualquer natureza, seja esta qual fór.»

O advogado de Dreyfus

O dr. Demange, n'um dos seus discursos diz que o *bordereau* é o unico documento capital contra Dreyfus. Mas, como a maioria dos peritos diz que o *bordereau* não foi escripto por Dreyfus, entende que essa accusação está destruida e que se condemnarem o ex-capitão commetteram a mais arbitraria das iniquidades.

Depois de dizer que os inimigos de Dreyfus são muitos e que isto foi apenas uma pavorosa, diz: «Então surgirá em todos vós uma duvida e isso me basta; porque uma duvida na vossa mente é a absolvição. Com essa duvida, as vossas consciencias honradas e leaes não podem dizer que Dreyfus seja culpado.

N'este momento, recordem-se que este homem soffreu durante cinco annos as mais terriveis dôres e as mais cruéis torturas. De dia e de noite viaviavam-no soldados, aos quaes não podia fallar e o martyrio chegou a tal ponto que era improprio da era em que vivemos.

Não quero esmiuçar estes soffrimentos, porque Dreyfus prohibiu-me de os recordar.

Pois bem, senhores, este homem, a quem as torturas foram horribes, conserva-se enérgico e altivo. Não revela com isto que é um homem honrado e leal?

Diz-me que só viveu para seus filhos, para conservar lhe o seu nome e a sua fortuna e nunca para manchar a sua farda, vendendo a sua patria! Asseguro-lhes que está innocente.

Os juizes de 1894 não tinham noticia da semelhança entre a letra do *bordereau* e a de Esterhazi. Os senhores conhecem essa circumstancia.

Esse é o fio conductor. Deus quiz que o possuíssem.

Peço a Deus que illumine as vos-

sas consciencias e que se devolva á nossa França a paz de que tanto necessita.»

Volutando-se para o publico diz: Enquanto a vós, já estaes comigo; sois francezes, e portanto todos estamos unidos na mesma communhão: o amor da patria e o amor ao exercito.»

Foi dada em seguida a palavra a Labori, mas este recusou.

A sentença

Reina na sala um silencio profundo. Chegam os juizes e o commissario do governo, que tomam os seus logares.

Os defensores permanecem de pé e descobertos.

O relógio da sala bate 5 horas. O presidente, em pé, com voz vibrante, lê a sentença, que lhe treme nas mãos:

«Em nome do povo francez (os juizes fazem a continencia) o conselho de guerra reuniu e deliberou secretamente, segundo o codigão determina. Aos juizes:

O chamado Alfredo Dreyfus, capitão de artilharia, é culpado praticando machinações, facilitando informações e revelando segredos que possam affecar o bem da patria?

O presidente recolheu os votos separadamente, começando pelo grau inferior e emittindo o seu por ultimo.

«O conselho declara que o capitão Alfredo Dreyfus é CULPADO com circumstancias attenuantes, por cinco votos contra dois.

Depois de estes recolhidos novamente e da mesma fórma sobre a applicação da lei, o conselho condemna Dreyfus a DEZ ANOS DE PRISÃO, exautoração e custas e sellos do processo.

O conselho ordena ao commissario do governo que communique immediatamente a sentença ao accusado, lendo lh'a na sua presença, perante a guarda armada e formada, advertindo-lhe que a lei lhe concede o prazo de 24 horas para appellar para o conselho de revisão.»

O momento foi solemne e commovedor.

O presidente depois de lida a sentença disse: «O conselho continúa em sessão até completa evacuação da sala e roga ao publico que se retire na melhor ordem e no mais absoluto silencio, de maneira que se não dê qualquer conflicto.»

Notificação a Dreyfus

O commissario do governo dirigiu-se á sala immediata e leu a sentença a Dreyfus que permaneceu impassivel.

Asseguraram que não disse uma unica palavra.

Foi novamente mettido na prisão sem que corresse incidente algum.

Apenas abriram as portas, os *reporters* de jornaes, montados em bicycletas berravam: condemnado! condemnado! A outros ouvia-se: Que grande infamia!

Uma phrase de Dreyfus

Quando Dreyfus ia a entrar na prisão, voltou-se para o capitão da força que o acompanhava e disse-lhe:

— Peço-lhe que console minha esposa.

os bandidos poderem fazer das suas nas trevas! O *apaga-fogo*! Reginaldo Testa-de-Boi e Philippe de Malvoisin sabem tirar partido d'elle tão bem como o proprio Guilherme, o Bastardo, ou qualquer dos outros aventureiros que combateram em Hastings. O que eu vou ouvir, estou a adivinhá-lo, é que me roubaram o que é meu para salvar da fome bandidos sem outro recurso além do roubo e do furto. Mataram o meu escravo fiel e arrebataram o meu bem como uma preza. E Wamba? onde está Wamba? Não me disse alguém que elle tinha acompanhado Gurth?

Oswaldo respondeu affirmativamente.

— Ah! isto vae de bem para melhor! Levaram o doido saxão para servir um senhor normando. Realmente doidos somos nós todos

Secção Velocipedica

DA

SOCIEDADE RECREIO ARTISTICO

São convidados todos os socios d'esta secção a inscreverem-se para o 5.º passeio official velocipedico que ha-de realizar-se no proximo dia 17 do corrente, á Costa Nova do Prado.

A partida, da sede da sociedade, é ás 3 horas da tarde em ponto, e o trajecto, á ida, como á volta, será pela estrada da Barra.

Aveiro, 12 de setembro de 1899.

Pela Secção,
ADRIANO COSTA.

Escola Industrial «Fernando Caldeira»

É aberta no dia 5 de outubro, e não no dia 4 de janeiro, como por lapso se disse, a Escola de Desenho Industrial.

Fica feita a rectificação. Veja-se o annuncio que inserimos na quarta-pagina do nosso jornal.

Chegadas

Chegou a Sarraxola e esteve ha dias em Aveiro o nosso presado amigo João Ferreira, conceituado commerciante em Lisboa.

— Tambem chegou d'esta cidade e acha-se entre nós, o nosso estimado amigo e patricio, João Pereira Serrão.

Nas margens do Minho

Conta o *Valenciano* que, ha dias, impulsionado pelo vento e pela maré, desprendeuse um barco da margem portugueza do rio Minho, nas proximidades de S. Pedro da Torre, e foi arrastado pela corrente para a margem hespanhola.

Os soldados que formam o cordão caíram sobre o pobre barco como corvos sobre um cadaver. Um cabo chegou a metter-se á agua para o apanhar e apanhou-o, arrastando-o para a margem.

Chegado alli, quando cantava victoria, e senhor da proeza, já talvez souhando com uma *condescendência de valor e merito guerreiro*, eis que a corrente, como que protestando contra a lealdade do feito, aranea da margem o barco e leva-o, apesar dos esforços empregados por *el valiente e sus companeros*, para a margem portugueza.

Os nossos guardas fiscaes, que tudo presenciaram da margem portugueza, approximaram-se do local onde o barco *déra á costa*, receberam o naufrago, e procederam com toda a correção mandando-o conduzir á margem hespanhola, ao ponto d'onde elle tinha partido e para junto dos companheiros, que já lamentavam a triste sorte do homem.

A banhos

Partiram para a Costa Nova do Prado os nossos amigos Joaquim Ferreira Martins, João Pinto de Miranda, José Marques d'Almeida e Eduardo Maria de Bastos.

Tambem alli se acha, com sua familia, o nosso presado amigo dr. Jaime Duarte Silva.

quantos os servimos, e mais dignos do seu desprezo e do seu esgarçamento que se tivéssemos nascido só com metade do cerebro. Mas eu me vingarei, acrescentou elle, levantando-se bruscamente, impellido pela ideia d'aquella offensa imaginaria, e agarrando no seu chongo: Irei levar a minha queixa ao Conselho Superior; eu tenho amigos e vassallos; desafiarei o normando para a arena, corpo a corpo. Que traga a sua armadura e a sua cinta de malha e tudo o que pôde dar coragem a um covarde: eu tenho atravessado com este chongo palissadas mais espessas do que tres dos seus escudos de guerra. Elles julgam, de certo, que eu estou velho; mas eu lhes mostrarei que, só e sem filhos como estou, o sangue de He-

(Continúa.)

Escola Industrial
FERNANDO CALDEIRA
AVEIRO

Por esta escola se faz publico que, desde o dia 15 do presente mez até ao dia 31 do mez de outubro, em todos os dias uteis, das 11 horas da manhã ás 3 da tarde e das 6 ás 9 da noite, está aberta a matricula para os cursos e disciplinas professadas n'esta escola.

Os primeiros oito dias de 15 a 22 do corrente são destinados á matricula dos alumnos que frequentaram a escola no anno anterior e para os que fizeram exame de passagem.

Os seguintes oito dias a partir de 23 do corrente até á 1.ª oitava do proximo mez de outubro são destinados aos individuos que desejem frequentar a escola pela primeira vez.

Os alumnos ordinarios ou voluntarios que desejem matricular-se, devem satisfazer ás seguintes disposições:

1.ª—Para serem admittidos á matricula em qualquer curso ou disciplina tem de apresentar certidão de exame de admissão aos Lyceus ou sujeitarem-se a um exame feito na escola, o qual constará de leitura, escripta e operações sobre numeros inteiros. Este exame será por grupos de 20 individuos:

a) — São isentos d'esta disposição os alumnos que já tem exame na escola ou frequencia nos annos anteriores.

b) — Os examinados apresentar-se-hão na escola no dia immediato ao da prova d'exame a fim de effectuarem a matricula, se tiverem sido admittidos, devendo os que tem exame de admissão aos Lyceus apresentar n'esse acto o respectivo attestado.

2.ª—No acto da matricula os alumnos voluntarios ou ordinarios depositarão a quantia de 200 reis e os voluntarios de 500 reis, a qual lhes será restituída durante o mez de julho quando não tenham perdido o anno por faltas.

a) — São isentos do deposito d'estas quantias os asylos ou quaesquer instituições de assistencia publica subsidiadas pelo estado.

A escola é aberta no dia 5 de outubro.

Aveiro, 5 de setembro de 1899.

O Director da Escola,

Antonio Rodrigues da Silva.

BARRA — PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambaia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal biscoito d'Aveiro, — e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA: — o genuino vinho de meza, limpo, aromático, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aquarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de **José Gonçalves Gamellas**

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, próximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manuel Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO
AVEIRO

Bicycleta

Em bom uso. Vende-se. Informa-se n'esta redacção.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO
Rua da Alfandega

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilhabias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se avlam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Casteira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para venda.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo
acido e sericidade
com que se
trata

Excellente serviço
de meza

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

AO COMMERCIO

E AO

PUBLICO

ALRINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louca de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chemicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 80 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO